

Dr. Dave Mathewson, Hermenêutica, Aula 11, Redação Crítica

© 2024 Dave Mathewson e Ted Hildebrandt

Na última sessão discutimos a crítica formal tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, e terminamos discutindo a crítica formal no Novo Testamento e especialmente seu desenvolvimento nos estudos do evangelho. E dissemos que a crítica formal emergente nos estudos do evangelho focava ou tinha três facetas. Número um, identificar e rotular o formulário, como uma história de pronunciamento ou ditado ou declaração proverbial ou algo parecido.

Em segundo lugar, isolar ou analisar o cenário de vida, o *Sitz im Leben*, para usar o termo alemão, o cenário de vida na igreja primitiva que pode ter dado origem à forma. Por exemplo, alguns pensam que histórias de milagres podem ter surgido na igreja primitiva num cenário ou contexto onde era necessário defender a fé ou num contexto apologético. Mas isolando ou recuperando o cenário da vida, o cenário da igreja primitiva que deu origem à forma, e então finalmente examinando a transmissão oral da forma antes do período de sua efetiva inclusão no texto bíblico.

Olhando para outro exemplo de forma dentro dos próprios evangelhos, e uma área que tem, em alguns aspectos, sido bastante frutífera quando se trata de crítica de forma, e há muito que poderíamos dizer sobre isso, mas vou resumir para apenas alguns pontos, as parábolas de Jesus parecem ser uma área frutífera de estudo quando se trata de crítica de forma, focando especialmente, dissemos, provavelmente o aspecto mais frutífero da crítica de forma do Novo Testamento é focado no primeiro elemento, isto é, identificar o próprio formulário no texto e rotular esse formulário. Mas penso que as parábolas são um exemplo frutífero de como a crítica da forma pode funcionar e, especialmente, de como afeta a forma como a interpretamos. No passado, as parábolas foram dominadas por uma

abordagem que dizia que deveríamos focar ou procurar o ponto principal que a parábola ensina.

As parábolas são vistas como uma comparação ou uma metáfora, às vezes, ou rotuladas como uma história que comunica apenas um único ponto. Portanto, o objetivo do intérprete é descobrir que ponto Jesus estava tentando transmitir quando ensinou parábolas. O que é intrigante nesta abordagem é que geralmente remonta a um estudioso alemão, Adolf Jülicher, que respondia à forma como as parábolas eram tratadas até ao século XIX e ao século XX, quando as parábolas, antes dessa época, as parábolas eram frequentemente alegorizadas.

Lemos um exemplo extremo há algumas sessões do tratamento dado por Santo Agostinho à parábola do Bom Samaritano, onde ele encontrou um significado alegórico por trás de praticamente tudo na parábola. Em reação a esse tipo de interpretação, Adolf Jülicher, um estudioso alemão cujo trabalho, infelizmente, ainda não foi traduzido para o inglês, argumentou que nenhuma parábola comunica apenas um ponto principal. Portanto, em muitos livros interpretativos ou sobre interpretação bíblica ou livros sobre hermenêutica bíblica que tratam de parábolas, seguiremos este conselho e sugeriremos que o objetivo do intérprete é baseado no contexto histórico e nos ensinamentos de Jesus, é descobrir qual é o um ponto principal que a parábola está tentando ensinar.

No entanto, recentemente, não tanto como resultado do tipo de crítica da forma clássica que temos vindo a discutir, mas recentemente a forma das parábolas foi revisitada e muitos sugeriram que as parábolas poderiam ser classificadas, na verdade, como alegorias limitadas. . Ou seja, as parábolas são alegorias no sentido de que apenas os traços principais ou os personagens principais obtêm um segundo nível de significado ou significado alegórico. Não tudo.

Em outras palavras, a maioria dos detalhes existe apenas para fazer a história funcionar. Mas, ao mesmo tempo, parece que os personagens principais da história ganham um segundo nível de significado ou significado alegórico. E, em muitos aspectos, não foi assim que Jesus tratou as parábolas quando as interpretou? Por exemplo, penso na parábola do semeador onde Jesus conta a parábola e depois explica-a aos seus discípulos.

E ele diz, o semeador é aquele que semeia a semente da palavra de Deus. A semente é a palavra de Deus, o evangelho, o reino. Os diferentes fundamentos sobre os quais a semente cai são respostas diferentes à palavra.

Então parece até que foi assim que Jesus tratou as parábolas. Embora nem tudo seja tratado alegoricamente, parece que os pontos principais e os personagens principais da parábola pretendem ter um nível mais profundo de significado, um significado alegórico. Mas, novamente, um que seja consistente com o contexto e com o ensino de Jesus, não necessariamente um que reflita o ensino posterior do Novo Testamento, etc., etc., mas significados que sejam adequados para o estágio da história da salvação em que Jesus chega e traz sobre o reino de Deus.

Assim , por exemplo, uma forma de analisar as parábolas tem sido ver, e voltaremos a isto mais tarde também, mas ver as parábolas de acordo com três tipos principais. Um tipo de parábola é conhecida como parábola monádica. Esta é uma parábola que tem apenas um ponto principal porque parece ter apenas um personagem principal.

Por exemplo, a parábola do grão de mostarda, a conhecida parábola do grão de mostarda, a principal característica dessa parábola é o grão de mostarda. É isso que está comunicando o ponto. Esse é o recurso que obtém o nível alegórico de significado e todo o resto da parábola existe apenas para fazer a história funcionar.

Ou então o outro tipo de parábola seria o que poderia ser chamado de parábola diádica. Essa é uma parábola que tem dois pontos principais que correspondem a duas pessoas ou personagens principais ou características dentro da parábola, como a parábola que Jesus conta sobre uma mulher e um juiz, uma mulher que vai ao juiz e basicamente incomoda o juiz até o juiz decide responder a ela e dar-lhe o que ela pediu. Essas são as duas características principais da parábola, os dois personagens principais que receberão um significado alegórico.

Todo o resto da parábola existe apenas para dar cor à parábola. E então, finalmente, para subir na escala, o tipo final de parábola poderia ser rotulado como parábola triádica. E como esse rótulo indica, essas parábolas teriam três pontos principais.

E o exemplo clássico seria uma parábola onde você tem um mestre e um servo bom e um servo mau sob esse mestre, e o mestre irá interagir com ambos. Às vezes, o bom ou o mau servo poderia, poderia haver mais de um. Você poderia ter vários bons servos e talvez um mau servo ou algo parecido.

Mas neste caso, novamente, você terá três pontos principais correspondentes ou três significados alegóricos principais correspondentes aos três personagens principais da parábola. E, novamente, todo o resto está lá apenas para dar cor, apenas para fazer a parábola e a história funcionarem. Deixe-me dar um exemplo de uma parábola à qual já nos referimos algumas vezes, que é a parábola do filho pródigo.

E você sabe, talvez você conheça bem a história, de um filho que vai até o pai e pede sua herança, sua parte na herança. O pai lhe dá sua herança. O filho vai embora e desperdiça tudo em todo tipo de vida desregrada.

E quando ele fica sem dinheiro, ele volta a si. Ele volta para o pai na esperança de ser recebido pelo menos como servo, senão como filho. Mas dissemos que o pai vê o filho de longe e sai correndo para cumprimentá-lo e o abraça, o traz de volta, faz uma festa elaborada para o filho.

A parábola termina curiosamente com mais um personagem, que é o filho mais velho, que responde e questiona o que o pai está fazendo e responde com ciúme porque o pai está tratando o filho de uma maneira que ele não merece. E a parábola termina aí. Este é um exemplo clássico da parábola do filho pródigo.

Isto em Lucas 15, este é um exemplo de uma parábola triádica. Ou seja, há três personagens principais nesta parábola: o filho pródigo, o chamado filho pródigo, o filho mais novo, o pai e depois o filho mais velho. Assim, com este método de observar as parábolas, haverá um significado alegórico associado a cada um dos três personagens da parábola.

Novamente, um significado que Jesus pretendia e que é consistente com a história e o contexto dos ensinamentos de Jesus e da vida de Jesus. Em primeiro lugar, então, o pai da parábola obviamente representa Deus que perdoa aqueles que se aproximam dele em arrependimento. E falamos um pouco sobre as referências históricas na parábola em uma sessão anterior.

Além disso, é possível que a questão seja que Deus se humilhe e até aja e esteja disposto a arriscar sua dignidade quando se rebaixou tanto a ponto de aceitar de volta um pecador que o ofendeu. Em segundo lugar, então, o filho pequeno ou o chamado filho pródigo representaria o pecador que vem a Deus em arrependimento e recebe a aceitação graciosa de Deus. E finalmente, o filho mais velho provavelmente representa os fariseus que têm ciúmes porque Deus estende o seu perdão às pessoas que não o merecem.

Uma das principais características, novamente, é colocar esta parábola em seu contexto. Se você voltar ao início do capítulo 15, Jesus estará respondendo aos fariseus que acusaram Jesus de se associar com cobradores de impostos e pecadores. Então agora esta parábola é contada em resposta a isso.

De modo que o filho mais velho, que está com ciúmes porque seu pai, depois do filho mais novo, tratou o pai da maneira que ele fez e foi embora e desperdiçou sua herança e todos os tipos de vida selvagem, o filho mais velho não consegue entender por que o pai iria tratá-lo, aceitá-lo e tratá-lo como ele é. O filho mais velho representa claramente o fariseu que está com ciúmes porque Deus agora estende o seu perdão àqueles que não o merecem. E, de fato, o filho mais velho provavelmente representa qualquer pessoa que responda com ciúme ou qualquer pessoa que não responda com alegria e louvor sempre que Deus estende sua graça a alguém que não a merece.

É interessante, apenas como um aparte, observar isso com um pouco mais de detalhes. É intrigante que a parábola nunca nos conte exatamente o que o filho mais velho fez. A parábola deixa você com um terceiro personagem.

O pai termina convidando o filho mais velho para participar na celebração, para participar na festa, mas nunca nos dizem o que o filho mais velho fez. Ele entrou ou voltou para o campo e rejeitou e ignorou a provisão de seu pai, ou o convite de seu pai? Talvez a parábola seja intencionalmente aberta, na medida em que Jesus está continuamente a chamar os seus leitores para examinarem e lidarem com o fariseu dentro deles, para responderem com alegria quando Deus estende a sua graça e perdão a alguém que não os merece. Todo o resto da parábola, o bezerro cevado, o anel, o manto púrpura, os porcos e a comida que o filho deu aos porcos quando chegou ao fim, que ele estava em uma situação tão desesperadora que queria coma

a comida que os porcos comiam, a herança, a vida selvagem, a maior parte disso existe simplesmente para fazer a história funcionar e não deve receber um nível alegórico de significado.

Mas parece-me que a crítica pode nos ajudar na interpretação das parábolas, entendendo com que tipo de literatura estamos lidando, especialmente se as parábolas são alegorias limitadas, é aí que as pessoas principais, os personagens principais da história recebem um alegórico. ou seja, porque foi assim que Jesus pretendia nesse caso. E que deveríamos, com base no contexto e na situação histórica e na vida e ensino de Jesus, tentar entender qual poderia ser o significado da parábola, significados associados aos três personagens principais, ou ao personagem principal, ou aos dois personagens principais, dependendo do tipo de parábola. Fora dos Evangelhos, a crítica da forma tem sido aplicada, mais uma vez, não tanto como tem sido na própria literatura evangélica, mas a crítica da forma tem sido eficazmente aplicada a outras secções do Novo Testamento.

Por exemplo, grande parte de Paulo, uma das coisas que você frequentemente encontra acontecendo nas cartas de Paulo, e você também encontra isso em algumas das outras epístolas do Novo Testamento, é que na seção de exortação ou exortação das cartas, você frequentemente encontrará uma lista de virtudes. Paulo dirá algo como ele faz em Colossenses capítulo 3, portanto, amado é o escolhido de Deus, vista-se, e ele listará uma série de amor, isto, aquilo, aquilo, ou adiar, evitar a imoralidade sexual, etc. ., etc., ele dará uma lista de coisas a serem evitadas. Um exemplo clássico é Gálatas, capítulo 5, e as obras da carne e o fruto do Espírito, onde Paulo simplesmente dá uma lista, uma lista contínua de vícios a serem evitados.

As obras da carne são estas, e ele lista um número, mas os frutos do Espírito são estes, amor, alegria, paz, etc., etc., e ele as lista. Novamente, você encontra algo semelhante em Efésios e Colossenses e em alguns lugares em outros lugares. Muito

provavelmente, Paulo está recorrendo a uma forma comum que às vezes é encontrada em outras partes da literatura greco-romana, conhecida como lista de vícios e virtudes, que simplesmente cataloga vícios a serem evitados devido ao seu comportamento destrutivo, especialmente para a comunidade, e virtudes a serem abraçadas.

Paulo obviamente os adapta para seus próprios propósitos, mas ele pode estar contando com uma forma muito antiga. Outra forma interessante que se encontra é encontrada, encontra-se em 1 Pedro, fora das cartas de Paulo, mas encontra-se também em Efésios capítulo 5 e em Colossenses capítulo 4, onde Paulo aborda a relação entre maridos e esposas, filhos e pais, e depois escravos e senhores em ambas as seções em Efésios e Colossenses, e você também encontra algo semelhante em 1 Pedro. Mas muito provavelmente, as instruções de Paulo podem refletir uma forma, uma forma bem conhecida no primeiro século, que alguns rotularam como código doméstico ou códigos domésticos.

Ou seja, isto seria, esta poderia ser uma forma inicial encontrada na literatura greco-romana que estipulava as relações adequadas entre as pessoas primárias dentro da família greco-romana típica, porque a família era vista como uma espécie de unidade central dentro da família greco-romana. -Sociedade romana que trouxe estabilidade à sociedade. Portanto, esta forma abordava, reciprocamente, o relacionamento entre as três unidades principais de uma família típica: maridos e esposas, filhos e pais, e depois escravos e senhores. Paulo pode então utilizar este formulário que chamamos de código doméstico para então instruir os cristãos.

Obviamente, o uso que Paulo faz da forma e da base para o comportamento seria muito diferente do que no mundo greco-romano, mas tem havido sugestões de que talvez Paulo esteja usando esta forma para propósitos missionários, ou Paulo esteja apenas usando esta forma. formulário apenas para instruir a família cristã, ou é

possível que ele esteja usando este formulário porque deseja demonstrar, uma explicação comum é que Paulo deseja demonstrar que o cristianismo não é subversivo. Não perturba nem subverte as relações que a sociedade greco-romana considerava valiosas, mas, em vez disso, o Cristianismo afirma isso. Novamente, embora a base e as instruções de Paulo sejam, em alguns aspectos, muito únicas e muito diferentes do uso dessa forma e da forma como essas relações teriam funcionado na literatura greco-romana.

Por exemplo, o facto de Paulo dizer aos maridos para amarem as suas esposas teria sido, em Efésios 5, bastante único no mundo greco-romano. Assim, penso que a crítica da forma é uma abordagem histórica valiosa e pode fornecer informações hermenêuticas e interpretativas valiosas se, em primeiro lugar, evitarmos as conclusões mais especulativas e, por vezes, as conclusões ainda mais destrutivas da crítica da forma e, em segundo lugar, quando nos concentrarmos na classificação e a estrutura e a função das várias formas do Antigo Novo Testamento. Quando fazemos isso, acho que a crítica formal ainda pode ser uma ferramenta muito valiosa na interpretação bíblica.

O que quero fazer agora é passar para a próxima, mais uma vez, histórica e logicamente, uma espécie de próxima crítica nesta tríade que, novamente, todas se enquadram no guarda-chuva mais amplo da crítica histórica, e que seria a crítica de redação. A crítica de redação baseia-se tanto na crítica da forma quanto na fonte que acabamos de examinar. A crítica da forma e da fonte, como dissemos, tende a ir além do texto, do texto escrito, para descobrir as formas orais ou as fontes escritas que agora emergem no texto escrito.

Assim, principalmente, a crítica da forma e da fonte foi atrás do texto e tentou reconstruir as formas e as fontes. E agora, porém, a crítica da redação vai além, embora se baseie na crítica da fonte e da forma e na verdade assumo a crítica da

forma e da fonte. A crítica da redação pressupõe que houve fontes usadas e que houve formas individuais que os autores do Antigo Testamento ou os autores do Novo Testamento utilizaram, mas vai além e pergunta: como essas fontes e formas foram agora combinadas e reunidas por um autor no texto final? texto? E o que isso diz sobre a intenção do autor, e a intenção do autor, especialmente a intenção teológica do autor? Então, juntando tudo isso, basicamente, a crítica de redação pode ser descrita assim.

A crítica de redação é um estudo da intenção teológica do autor, examinando a maneira como ele organizou e editou suas fontes, ou organizou e editou seu material, especialmente em comparação com outros que escreveram sobre o mesmo assunto. Assim, ao examinar um autor, especialmente em comparação com outros que escreveram sobre o mesmo tópico, ou ao examinar a forma como o autor organizou o seu material e editou e utilizou as suas fontes, a crítica da redação pergunta: o que isso diz sobre o intenção teológica do autor? Novamente, mas de forma mais ampla, poderíamos, novamente, simplesmente utilizar a crítica de redação, como eu disse, simplesmente comparando outros que escreveram sobre o mesmo tópico para ver como eles diferem e como tratam esse tópico. Por exemplo, muitos de nós provavelmente usamos um tipo realmente básico de forma grosseira de crítica de redação.

Sempre que olhamos para a história do Natal, por exemplo, o registro da história do Natal em Lucas e Mateus, e perguntamos: por que eles são diferentes? Por que Mateus inclui o relato dos Magos que vieram visitar Jesus, e por que Lucas, em vez disso, inclui os pastores? Quando começamos a fazer esse tipo de pergunta, estamos fazendo as perguntas iniciais da crítica da redação. Mas, novamente, a crítica da redação questiona como o autor organizou e editou o material que tinha à sua disposição no texto final, e o que isso revela sobre a intenção teológica do autor ao escrever o texto. Portanto, a crítica da redação pressupõe duas coisas.

Pressupõe, em primeiro lugar, que existe um autor, que existe um autor que produziu este texto, mas, em segundo lugar, pressupõe a existência de fontes e formas que o autor adotou e agora organizou e editou no seu documento final. Para dar mais uma vez alguns exemplos do Antigo e do Novo Testamento, e como já disse várias vezes, meus exemplos são um pouco mais voltados para o Novo Testamento, mas para dar um exemplo do Antigo Testamento, que acabamos de mencionar, mais uma vez meu objetivo não é fazer uma exposição completa disso, mas apenas mostrar que tipos de perguntas a crítica da redação pode fazer. Se olharmos para um exemplo de como 1 Crônicas 17 e o relato de Deus falando através do profeta Natã a Davi no estabelecimento da aliança davídica, onde Deus promete que construirá uma casa para Davi, ele faz uma aliança com Davi, que Deus será seu pai, Davi será seu filho, e que haverá sempre haverá alguém para sentar no trono de Davi, uma aliança cuja fórmula que se tornou uma aliança tornou-se muito importante mais tarde no Antigo Testamento e também no Novo Testamento. Mas também vimos que 2 Samuel capítulo 7 inclui a mesma fórmula da aliança, com palavras quase idênticas, e o mesmo relato das palavras do profeta Natã a Davi.

E assim, porque temos dois autores registrando linguagem semelhante, podemos fazer a pergunta: como eles diferem um do outro, ou como os autores utilizaram esse relato, e como isso funciona para indicar sua intenção teológica? Então, comparando a maneira como o autor de 2 Samuel registrou o relato da profecia de Natã a Davi na aliança davídica com a maneira como o autor de 1 Crônicas, capítulo 17, registrou essas mesmas palavras, observando como eles fazem isso, como eles incorporaram e editaram isso e incluíram isso em sua própria composição, pode-se ser capaz de discernir a intenção teológica do autor. Um dos pontos interessantes tem a ver com 2 Samuel 7, no relato do autor de 2 Samuel 7 sobre a aliança davídica, encontramos esta frase interessante, Deus diz, Deus falando sobre o rei davídico, o rei que se sentaria no trono de Davi. trono, ele diz, quando ele fizer algo errado, eu o

punirei, é uma das frases interessantes encontradas em 2 Samuel 7, mas está faltando em 1 Crônicas, capítulo 17. E então a crítica da redação perguntaria: qual poderia ser a intenção teológica desta mudança de autor? Por que o autor de 1 Crônicas 17, se assumirmos que 1 Crônicas 17 é, ou se assumirmos que 2 Samuel é uma fonte para 1 Crônicas 17, alguém poderia perguntar: por que o autor poderia ter abandonado isso? Ou o que esta mudança sugere sobre a intenção teológica do autor de 1 Crônicas 17? Alguns sugeriram que isso ocorre porque o autor de 1 Crônicas, abordando uma situação específica, está tentando retratar a monarquia davídica da maneira mais positiva possível, para demonstrar que o apogeu da existência de Israel, os dias dourados da existência de Israel, estava sob a monarquia davídica.

E então essa frase foi deixada de lado intencionalmente, segundo alguns, por esse motivo. Mas o ponto principal é olhar para esses textos e perguntar: o que poderia, como os autores adaptaram essas histórias, o que isso poderia sugerir sobre a intenção teológica do autor? Novamente, no Novo Testamento, os Evangelhos dominaram a cena crítica da redação. E isto é, os Evangelhos provavelmente se tornaram logicamente um campo fecundo para a crítica da redação, porque existe uma relação literária entre os três.

Portanto, pode-se perguntar especificamente, o que poderia, quando você compara Mateus, Marcos e Lucas, a maneira como eles editaram suas fontes, a maneira, ou a maneira como contaram a história e como ela difere um do outro, o que poderia isso revelar, o que isso pode revelar sobre suas intenções teológicas? De um, um exemplo muito interessante, quando você compara Mateus capítulo 21, e Marcos capítulo 11, e Lucas capítulo 19, todos os três eram textos, todos esses três textos registram os eventos em torno do Domingo de Ramos, que é a chegada de Jesus em Jerusalém. Todos os três registram esse evento. Mas é interessante quando você os compara, Mateus tem duas mudanças significativas.

Embora, novamente, eles estejam registrando o mesmo evento, e ele ocorre na mesma ordem na narrativa, e os mesmos atores e participantes, etc. E uma redação muito semelhante. No entanto, existem algumas diferenças significativas quando comparamos as três contas.

Quando você olha para eles, Matthew tem as diferenças mais interessantes. E não vou falar sobre talvez algumas das diferenças que Marcos e Lucas têm e o que isso pode dizer sobre a intenção deles, mas quero me concentrar em Mateus. Mateus tem duas coisas interessantes que você não encontra em Marcos ou Lucas.

Em primeiro lugar, Mateus menciona, e novamente, esta é a história de Jesus montado num jumentinho no chamado Domingo de Ramos que celebramos em Jerusalém. Mas Mateus, ao contrário de Marcos e Lucas, Mateus menciona tanto um jumento como um jumentinho. Enquanto Marcos e Lucas mencionam apenas um jumentinho, Jesus montado em um jumentinho.

Mateus menciona um jumento e um jumentinho. Em segundo lugar, junto com isso, Mateus também cita uma profecia do Antigo Testamento de Zacarias capítulo 9 e versículo 9, que também não ocorre no relato de Lucas ou de Marcos. Então, em Mateus capítulo 21 e versículos 4 e 5, Mateus diz, isso aconteceu para se cumprir o que foi falado através do profeta.

E agora ele cita Zacarias 9.9, diga à filha de Sião, veja, o seu rei vem até você manso e montado em um jumentinho, cheio de jumento. Observe que Zacarias 9.9 parece sugerir a ocorrência de dois animais, um jumento e seu jumentinho. E então o que Mateus parece ter feito é que Mateus menciona tanto o jumento quanto o jumentinho, ao contrário de Lucas e Marcos.

E não é que Lucas e Marcos não sabiam que havia um burro ou não achavam que existia, e Mateus está inventando isso. É simplesmente que provavelmente Mateus está enfatizando o jumento e o jumentinho para demonstrar e tornar este relato consistente com a profecia do Antigo Testamento. Porque um dos temas principais de Mateus, embora o outro, Marcos e Lucas, também estejam interessados no cumprimento do Antigo Testamento, Mateus, mais do que o outro, demonstra as características principais que remontam aos capítulos 1 e 2, onde mais e mais mais uma vez, movimentos-chave na vida de Jesus na sua primeira infância, começando com o seu nascimento, foram vistos como cumprimento de textos-chave do Antigo Testamento.

Agora, Matthew faz isso repetidamente. E aqui, onde Marcos e Lucas não incluem uma citação, Mateus deixa claro, Mateus quer deixar claro que este evento foi um cumprimento dos textos proféticos do Antigo Testamento, como ele fez ao longo do seu evangelho. E por essa razão, Mateus também inclui tanto o jumentinho quanto o jumento na história, porque ele está tentando deixar claro que este evento é o cumprimento de uma profecia do Antigo Testamento.

Assim, comparando o relato de Mateus, Marcos e Lucas de uma história semelhante, e observando esta diferença na forma como Mateus o editou, e como ele o organizou e utilizou em sua própria narrativa, pode-se começar a ver o caráter teológico de Mateus. intenção. Isso ainda mais do que Lucas e Marcos querendo enfatizar o cumprimento profético deste evento no Antigo Testamento, e incluindo o jumentinho e o jumento, mostra que esta narrativa se alinha e é um cumprimento do texto de Zacarias 9-9. Um outro exemplo ao qual já nos referimos, embora não esteja claro se Mateus ou Lucas dependem necessariamente um do outro, mas podem depender de uma história comum que está por trás disso, especialmente porque nenhum deles estaria presente, eu não creio que, durante esses eventos, seja o

registro da história do Natal por Mateus e Lucas, um relato que dissemos que não ocorre em nenhum lugar de Marcos.

Marcos vai direto para João Batista, o surgimento de João Batista e a vida adulta de um ministério inicial de Jesus. Mateus e Lucas incluem um relato do nascimento de Jesus, um relato bem conhecido da história do Natal. Mas como já mencionamos, é interessante quando você compara essas histórias notar as diferenças.

Algumas diferenças importantes. Número um, uma das coisas que você encontra em Mateus que não encontra tanto em Lucas, embora em alguns capítulos anteriores, especialmente Lucas capítulo um, você encontre alusões e referências específicas ao Antigo Testamento. Mas Mateus, como já vimos nos capítulos um e dois, quer deixar claro que a vida de Jesus, a sua primeira infância, o seu nascimento e a primeira infância, os acontecimentos e movimentos que a rodeiam, são todos vistos como cumprimento dos textos do Antigo Testamento. .

Uma segunda diferença é que Mateus registra a visita dos Reis Magos a Jesus, provavelmente um ano ou talvez quase dois anos após o seu nascimento. Quando os chamados sábios ou magos vêm visitar Jesus, ele claramente não está mais no estábulo. Agora Jesus é, na verdade, ele é chamado de menino em Mateus, e os Magos o encontram nesta casa, não mais no estábulo.

Portanto, os eventos de Mateus capítulo dois provavelmente acontecem um ou dois anos após o nascimento dos eventos de Lucas capítulo dois. Mas é interessante, Mateus mostra os Reis Magos vindo visitar Jesus, enquanto Lucas mostra os pastores vindo visitar Jesus. E Mateus parece não saber nada, ou pelo menos não diz nada sobre os pastores que vieram ver Jesus, e Lucas não diz nada sobre quaisquer Magos que vieram ver Jesus.

Uma sugestão é uma delas, talvez Mateus tenha inventado a história dos Reis Magos para substituir os pastores. Mas é possível que ambos os eventos tenham ocorrido, mas Mateus e Lucas estão simplesmente sendo seletivos no que registram e como registram o evento para estar de acordo com sua principal intenção teológica. Assim, por exemplo, Mateus está muito interessado em enfatizar Jesus como o Cristo, o Messias, enfatizando o status real de Jesus, o que ele faz no primeiro capítulo com aquela longa genealogia que liga Jesus a Abraão e Davi.

Assim, Mateus está particularmente interessado no status real de Jesus como o Messias, o Rei dos Judeus. E então ele retrata Jesus tendo uma recepção muito real. Embora a realeza de Jerusalém, o rei Herodes, não se preocupe em sair pela porta dos fundos para ver Jesus, você tem outros dignitários, dignitários ricos vindos de lugares muito distantes para visitar Jesus e trazer-lhe presentes bastante caros de ouro e incenso. e mirra, presentes típicos que se daria a pessoas importantes, como a realeza.

Assim, Mateus elaborou sua história para enfatizar a recepção real de Jesus como Rei e como Messias. Além disso, Mateus parece estar mais interessado do que qualquer outro Evangelho na recepção gentia do Evangelho. E voltaremos a isso mais tarde, mas na verdade, ao fazer com que os Reis Magos venham visitar Jesus, Mateus está enfatizando que o Evangelho não é apenas para os judeus, mas para os gentios.

Lembre-se de que Mateus capítulo 1 e versículo 1 começa dizendo que esta é a genealogia de Jesus, filho de Abraão e filho de Davi. Ao chamar Jesus de filho de Abraão, foi através de Abraão em Gênesis 12 que Deus finalmente abençoaria todas as nações da terra. Agora, como filho de Abraão, Jesus é recebido logo no início da narrativa pelos gentios.

Então Matthew elaborou sua história. Há algumas outras coisas que Mateus está fazendo, e voltaremos a este texto mais tarde, quando falarmos sobre o uso do Antigo Testamento no Novo. Há algumas outras coisas acontecendo na história, mas Mateus está elaborando sua história de forma redacional para enfatizar a recepção gentia de Jesus, mas também a recepção real que Jesus recebe como o Rei dos Judeus, como o Messias.

Enquanto Lucas, Lucas tem mais humildade, Lucas tem Jesus nascendo e crescendo em um ambiente muito humilhante e muito humilde. Portanto, é apropriado que Lucas, quando você lê o resto do evangelho, e esta é uma característica importante da crítica de redação, examine quando observo como um autor usa sua fonte, para observar os padrões ao longo de todo o livro. Um dos padrões que você vê em Lucas é que Jesus acaba sendo o salvador e muitas vezes sai para fora dos excluídos da sociedade.

Ele é pego andando com pessoas como cobradores de impostos que, embora muito ricos, eram vistos como, você sabe, a maioria das pessoas eram hostis a eles. Você tem, por vários motivos, Jesus se associando com samaritanos nojentos. Você tem Jesus tocando e curando pessoas como leprosos com lepra.

Você tem Jesus se associando com todos os tipos de pessoas marginalizadas, o nojento da sociedade. A versão de Lucas da história do Natal se encaixa perfeitamente nisso. Fazendo Jesus nascer em um estábulo nojento, que provavelmente seria como um alpendre em uma casa onde você teria animais, mas também outras coisas como comedouros, uma manjedoura.

Ao fazer Jesus nascer nesse tipo de ambiente, e ao fazer com que pastores venham visitá-lo, provavelmente o mais baixo no totem socioeconômico, Lucas está tentando retratar Jesus, de forma consistente com o resto de sua história, como vindo para

aqueles que são um origem muito humilde, que são os excluídos, os excluídos da sociedade. Assim, Mateus e Lucas estruturaram claramente os seus Evangelhos, mas também a história do Natal, eles editaram, organizaram e registaram-na de uma forma que transmite claramente a sua intenção teológica. Portanto, ao examinar estes dois Evangelhos que se referem à mesma história e dão conta da mesma história, é instrutivo ver as mudanças que eles fazem, ou como eles diferem, e o que isso pode dizer sobre a intenção teológica dos dois autores.

Assim, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, quando um autor confia em fontes ou formas demonstráveis que ele adotou em sua própria obra, ou quando dois autores escrevem sobre o mesmo assunto, é instrutivo perguntar como eles diferem um do outro, e como eles organizaram e utilizaram seu material, e o que isso pode dizer sobre a intenção teológica dos autores. Mais uma vez, no final das contas, porém, a crítica da redação deve ser testada olhando para todo o Evangelho para ter certeza de que as conclusões que se tiram sobre como o autor pode estar editando certas seções são consistentes com o que parece estar acontecendo. em todo o Evangelho. E o que é intrigante por causa disso, a crítica de redação na verdade começa a dar lugar a outra crítica na qual não vou me dedicar muito, mas conhecida como crítica de composição, olhando para a totalidade dos Evangelhos e como eles foram colocados juntos, por exemplo.

Portanto, a crítica da redação pode ser uma ferramenta valiosa para nos ajudar a descobrir a intenção teológica do autor, observando a maneira como o autor adaptou e organizou seu material, editou seu material, para comunicar seu ponto teológico. E assim, novamente, a crítica da redação é outro método de crítica que, quando despojado de seus pressupostos negativos, anteriormente alguns praticantes da crítica da redação diziam que sempre que o autor estava introduzindo mudanças em suas fontes ou tentando se comunicar teologicamente, o autor não deveria estar interessado na história. Mas quando divorciada dessas suposições negativas, a crítica

da redação pode nos ajudar a compreender o significado teológico e a intenção do texto.

Agora, uma discussão sobre a crítica da redação, onde o autor parece desempenhar um papel mais primário do que o fez com a crítica da forma e da fonte, na medida em que não estamos tão interessados em ir além do texto do Antigo Novo Testamento e recuperar as fontes e formas, mas estamos perguntando o que estamos assumindo que um autor agora pegou essas formas e fontes e as organizou em um texto. A crítica da redação começa a focar mais no autor e assim levanta a questão da intenção do autor. Portanto, quero avançar ainda sob o guarda-chuva mais amplo da crítica histórica, examinar a questão da intenção do autor e olhar para abordagens de interpretação centradas no autor.

Portanto, parte da crítica histórica é o autor que produziu o texto, o autor que escreveu o texto. E assim a intenção do autor é uma tentativa de descobrir qual foi provavelmente a intenção do autor ao produzir e escrever este texto, conforme encontrado no estudo do próprio documento. Uma das principais pessoas que despertou interesse na intenção do autor, que já passamos um pouco de tempo discutindo, mas vamos reintroduzi-lo brevemente, é Friedrich Schleiermacher, que como uma espécie de produto do Iluminismo, mas ao reagir a isso, reagir a a abordagem meramente racionalista da interpretação que enfatizava o poder da razão humana e da descoberta científica, Schleiermacher enfatizou a empatia com o autor na interpretação de um texto bíblico.

Ou seja, segundo Schleiermacher, o objetivo da interpretação era recuperar o ato passado do autor e realmente colocar-se na mente do autor. Poderíamos realmente simpatizar e identificar-nos com o autor e recuperar a sua verdadeira intenção. Assim, de acordo com Schleiermacher, a intenção do autor foi entendida principalmente em termos psicológicos.

E novamente ouvimos às vezes algo semelhante hoje em dia quando nos dizem em cursos ou livros didáticos sobre interpretação bíblica que o intérprete deve tentar se colocar no lugar do autor ou tentar se colocar no lugar do autor e entender o que eles estavam tentando comunicar. Embora a maioria hoje talvez se distanciasse da abordagem de Schleiermacher, especialmente de sua abordagem mais psicologizante para descobrir a intenção do autor, a maioria ainda veria a intenção do autor como um passo importante na interpretação. E, de facto, durante algum tempo foi visto como o objectivo principal da interpretação.

Na maioria dos livros hermenêuticos e de interpretação bíblica, em algum lugar afirmarão que o objetivo é, em última análise, recuperar o significado que o autor pretendia. O significado correto de um texto é o significado que o autor pretendia comunicar. Por exemplo, estas são apenas uma série de citações de alguns livros de hermenêutica ou de interpretação bíblica.

Não vou mencionar o autor do livro, mas acabei de pesquisar alguns deles para lhe dar uma ideia. E a maioria deles é bastante recente. Estas não são obras antigas.

A maioria deles foi escrita ou pelo menos revisada desde o ano 2000. Assim, por exemplo, diz um livro, o autor ou editor pretendia comunicar uma mensagem a um público específico para atingir algum propósito. Nosso objetivo é descobrir o significado do texto nesses termos.

Isso é em termos do que o autor está tentando comunicar ao leitor em um determinado contexto histórico. Ou aqui está outro. Exegese é a tentativa de ouvir a palavra como os destinatários originais deveriam tê-la ouvido.

Para descobrir qual era a intenção original das palavras da Bíblia. É interessante que esta explicação não mencione o autor, mas, novamente, pressupõe que há um

significado pretendido no texto que o autor estava tentando comunicar e que é o que devemos buscar e recuperar. Aqui está mais um.

A última que darei é que o significado do texto é o que o autor pretendia conscientemente que ele dissesse. E, novamente, isso é apenas representativo do que sugerem vários livros de interpretação bíblica ou de hermenêutica. Portanto, o significado correto de um texto, seja um texto do Antigo Testamento ou um texto do Novo Testamento, é o significado que o autor humano teria pretendido comunicar e transmitir aos leitores originais.

Portanto, o objetivo da interpretação é tentar descobrir isso através de uma análise e estudo do texto. Tenta-se determinar o que o autor estava tentando ao produzir o texto. O que o autor estava tentando comunicar? Então o objetivo não é tanto recuperar o que o leitor contemporâneo faz deste texto, mas historicamente, o que o autor histórico tentou comunicar? E na maioria destes livros hermenêuticos, através de métodos e regras de aplicação sólidos, ou pela aplicação de métodos e regras de interpretação sólidos, pode-se chegar ao significado pretendido.

Esse é o significado que o autor estava tentando comunicar e pretendendo comunicar. Mas uma questão, quero levantar algumas questões. E uma delas é: por que a intenção do autor é considerada necessária? Por que é considerado um objetivo tão importante alcançar uma interpretação? E também por outro lado, levante a questão: quais são algumas das objeções à intenção do autor? Por que alguns se opuseram à intenção do autor como objetivo principal da interpretação? E finalmente, tentaremos juntar as coisas e tirar conclusões.

A intenção do autor ainda é um objetivo válido na interpretação? E como pensamos sobre isso? Então, antes de mais nada, por que a intenção do autor tem sido vista como um objetivo tão importante? Por que tanta ênfase na intenção do autor?

Simplesmente listei uma série de razões, e pode haver outras. Mas antes de mais nada, é simplesmente o fato de os textos serem criados pelos autores. Ainda hoje, os autores escrevem para comunicar.

Os autores geralmente escrevem para comunicar algo e escrevem para serem compreendidos. E assim a suposição é que os autores bíblicos, o Antigo Novo Testamento como o temos, são o produto de autores que tentam comunicar algo que possa ser compreendido pelos seus leitores. E, portanto, é um objetivo digno, válido e necessário descobrir a intenção do autor.

Portanto, os textos não apenas aparecem e não simplesmente emergem. E geralmente os autores não escrevem para confundir ou comunicar mal, embora possam fazê-lo acidentalmente. Ou às vezes você pode ter alguns autores escrevendo intencionalmente para confundir e comunicar mal.

Mas os autores geralmente comunicam para serem compreendidos. E, portanto, o objetivo da interpretação é o significado pretendido pelo autor. Uma segunda razão pela qual alguns consideram a intenção do autor um esforço tão importante na interpretação bíblica é que a intenção do autor é o que arbitra entre interpretações conflitantes.

Portanto a interpretação correta de um texto é aquela que o autor pretende comunicar. Portanto, de todos os significados propostos, especialmente quando os significados conflitantes são a interpretação que se adapta à intenção do autor, é a interpretação a ser preferida. O número três, um pouco relacionado a isso, é que a intenção do autor fundamenta o significado.

Ou seja, o significado não é aberto. O significado não é um vale-tudo. Mas é a intenção do autor que impede a interpretação de se tornar descontrolada, de se tornar um vale-tudo ou vale-tudo.

A interpretação é limitada ao que o autor poderia ter pretendido. Está fundamentado na intenção do autor. Então, quando li no livro de Ezequiel sobre a batalha de Gogue e Magogue, é assim que entendemos essa batalha e esses termos devem ser fundamentados no que o autor pretendia comunicar.

Uma quarta é a intenção do autor, e isso se relaciona com a interpretação de forma mais ampla, mas a intenção do autor na interpretação é vista como um fundamento para uma boa teologia. Para que a interpretação correta de um texto esteja fundamentada na intenção do autor e isso seja fundamental para a reflexão e formulação teológica. Em outras palavras, a teologia depende de uma boa exegese, que depende do significado estável do texto fundamentado na intenção do autor.

Um quinto fator é o fato de estarmos lidando com escrituras inspiradas. Se os textos do Antigo Novo Testamento que temos são a palavra inspirada de Deus, então é necessário descobrir o significado que os autores pretendiam, tanto o autor humano como o autor divino. Se esta é a comunicação de Deus à humanidade, se esta é a palavra inspirada de Deus, deve haver algum significado, alguma intenção no texto que eu possa alcançar e recuperar.

Portanto, o facto de estas escrituras serem inspiradas parece sugerir a validade da intenção do autor como o objectivo e o facto de que a intenção do autor humano é o único acesso que temos à intenção de Deus comunicar-se connosco. E, finalmente, algo relacionado com o primeiro, mas, finalmente, os argumentos em contrário são autodestrutivos, diriam alguns. Ou seja, aqueles que argumentam que não se pode

conhecer a intenção de um autor ou que a intenção do autor é desnecessária ou irrelevante pretendem que seus artigos e livros sobre isso sejam compreendidos.

Portanto, tentar argumentar que não se pode compreender a intenção de um autor pressupõe que outros que leiam o meu artigo compreenderão a minha intenção de comunicar isso. Então, com base nisso, a conclusão é que o objetivo da interpretação é recuperar o significado pretendido pelo autor. O que o autor estava tentando comunicar? E geralmente através da aplicação de princípios sólidos de interpretação, olhando para o contexto histórico, o contexto mais amplo, o significado das palavras, etc., naquele período de tempo, tudo isso, e o que podemos saber sobre o autor e seu leitores, tudo isso ajudará a chegar a uma reconstrução razoável da intenção do autor.

Mas tendo dito isto, a próxima pergunta a fazer é: por que alguns rejeitaram a intenção do autor? E a intenção do autor ainda é um objetivo válido de interpretação? Veremos essas questões na próxima sessão.